

## Ginástica geral e educação física escolar

[AYOUB, Eliana. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. 136p.]

Conrado Augusto Gandara Federici\*

A experiência por mais de dez anos como ginasta, a participação em um grupo de ginástica geral, a atividade profissional<sup>1</sup> e o envolvimento de pesquisador com o tema levaram-me à leitura e análise crítica desta obra, a qual, sob minha visão, passa a ser mais uma referência bibliográfica recomendada para disciplinas afins em cursos de educação física brasileiros, devido à seriedade e propriedade do trabalho e à escassez absoluta de livros de tal estirpe na área da ginástica.

O texto escrito por Eliana Ayoub é, como a própria autora nos apresenta, resultado dos estudos desenvolvidos durante o doutorado em educação física na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Vilma Lení Nista-Piccolo, que também prefacia este livro. De fato, é transformação da própria experiência pessoal, anterior e exterior às formalidades acadêmico-científicas, apaixonada e irredutível, em motivação legítima à construção do conhecimento sobre o tema.

A primeira parte do texto, que descreve o “caminho percorrido” em dois momentos distintos, prima pelo rigor dos procedimentos de coleta de informações (observações dos principais festivais de ginástica geral em âmbito mundial, entrevistas e análises), amplamente documentados e anexados ao final do livro. Chamo a atenção para a forma simples pela qual exemplifica um consistente “Curso de ginástica geral” (segundo momento). A pertinência na capacitação dos professores para o trabalho com a ginástica geral é fundamental, senão a única alternativa para uma pretensa competência na justificativa e legitimação deste conhecimento *in loco*, ou seja, diante de crianças que têm como único exemplo de aulas de educação física a tradição do esporte (ou do futebol, basquete e vôlei...), herança do processo histórico de capitalização da sociedade, veiculado e sistematicamente re-

\* Professor do Instituto Educacional Parthenon e do Centro Regional e Universitário de Espírito Santo do Pinhal – SP. conradofederici@ig.com.br

1. Grupo Ginástico Unicamp, da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Participação nos anos de 1995 a 1997, 1999 e 2000, incluindo as duas Gymnaestradas mundiais realizadas neste período (Berlim, em 1995 e Göteborg, em 1999). Professor da disciplina Ginástica natural e analítica no curso de graduação em Educação Física do Centro Regional e Universitário de Espírito Santo do Pinhal, São Paulo.

forçado pela mídia, autora das opiniões de massa. A autora ministrou o curso gratuitamente para professores interessados em ampliar seu universo de ação cotidiana, com o intuito de subsidiá-los com os conhecimentos e metodologias próprios da ginástica geral, que intencionam, dentre outros fatores, a liberdade de expressão, a exploração, a descoberta de novas possibilidades de ação, o aumento da interação social, a extrapolação de todos os recursos do material pedagógico convencional ou não, a co-responsabilidade e autonomia dos alunos na autoria das produções das aulas.

O segundo capítulo expõe ricos percursos da história, embasados diretamente por duas importantes fontes teóricas sobre as origens da ginástica ocidental: *Teoría general de la gimnasia*, de Langlade e Langlade (1986) e *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*, de Carmen Lúcia Soares (1998). Em seguida fornece informações ímpares sobre as formas de organização institucional da ginástica, como por exemplo: “a Federação Internacional de Ginástica (FIG) é a mais antiga dentre todas as associações esportivas internacionais e foi desenvolvida numa base democrática” (HUGUENIN, 1981, p.46 apud AYOUB, 2003, p.42), fato que demonstra sua preocupação em não deixar de lado as fortes amarras políticas que norteiam o desenvolvimento da ginástica geral hoje em dia. Mais adiante, comenta sobre como esse processo de estruturação da ginástica geral na FIG se desenvolveu inexoravelmente em duplo sentido, ora representando a conquista de um espaço institucional por uma manifestação não competitiva, ora representando a apropriação, pela instituição, de um imenso campo para sua autopromoção.

Eliana realiza uma série de reflexões sobre as várias concepções de ginástica geral pesquisadas, destacando que “(...) um dos eixos para o entendimento da GG<sup>2</sup> diz respeito à consideração da ginástica geral como a base da ginástica, como uma mescla de todos os tipos de ginástica” (AYOUB, 2003, p.47), fundamentalmente não competitiva e orientada para o lazer. Sem abandonar o viés crítico do texto, expõe:

E viver o lúdico no contexto da sociedade urbano-industrial contemporânea significa, certamente, provocar uma postura de contestação dos valores do utilitarismo e de questionamento dos dogmas da produtividade. Significa, enfim, uma atitude potencialmente transformadora (AYOUB, 2003, p.60).

Como complementação deste raciocínio, vale ressaltar que a “não competitividade”, fator de sustentação da GG, não gera automaticamente as

---

2. ginástica geral

pretensas liberdade de expressão e criatividade tão fomentadas nesta prática, como afirma Roble (2003). Uma concepção cunhada pela negação de um conceito (a competição) admite que suas propriedades definidoras baseiem-se neste. Sem dúvida, será transformadora, quando ousadamente romper com as concepções coreográficas sustentadas exclusivamente em gestuais técnicos advindos da ginástica rítmica e artística (modalidades competitivas), em resumo. Infiltrar-se nas “brechas do sistema” também pode possibilitar um desvinculamento do mundo reprodutivo, esportivo, a que a GG se encontra atada<sup>3</sup>, provocando sua contestação.

O terceiro capítulo contém reflexões a respeito das perspectivas da GG no âmbito escolar. Inicia-se com o percurso histórico da educação física escolar, da ginástica até o esporte e seu aparente estancamento. Segue com a visualização da ginástica geral como uma “composição entre elementos do núcleo primordial da ginástica, da ginástica científica e das diversas manifestações gímnicas contemporâneas” (AYOUB, 2003, p.86). Toma como referência duas propostas da Faculdade de Educação Física da Unicamp: a primeira delas, desenvolvida por Nista-Piccolo (1995), engloba os projetos de ensino, pesquisa e extensão: “Brincando com o ritmo”, “Ginástica artística: brincando e aprendendo” e “Crescendo com a ginástica”; a segunda, desenvolvida pelo Grupo Ginástico Unicamp (Pérez Gallardo e Souza, 1997 e Souza, 1997). Ademais, tece relações estreitas entre tais propostas e a concepção de “aulas abertas à experiência”, desenvolvida por Hildebrandt e Laging (1986) e pelo Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-Ufsm (1991). Todo este arcabouço teórico possui filosofias voltadas ao desenvolvimento das capacidades de decisão e de ação dos alunos, ao invés das capacidades físicas, fruto das raízes mais recentes de uma educação física esportiva e de rendimento.

Percebemos a extrema dificuldade de transformação paradigmática no eixo principal da educação física escolar (visto que tentativas neste sentido vêm sendo feitas há pelo menos dezoito anos, como atesta uma das referências acima) e sabemos que propostas como a presente agem mais como foco de resistência às imposições capitalistas na educação do que como reveladoras de horizontes de vanguarda, como deveriam ser. Compactuo com a autora no que diz respeito aos ideais de paciência e utopia perante o desenvolvimento da GG no âmbito escolar, não como conformismo desesperançoso, mas como mote propulsor de ações pedagógicas efetivas, concretas e possíveis.

De maneira geral, Eliana Ayoub relembra-nos e reforça as críticas à situação das aulas de educação física nas escolas públicas brasileiras (redução dos conteú-

3. “É preciso que a Ginástica Geral ouse. Quero dizer, com isso, que é preciso haver pesquisa de movimento na Ginástica Geral, assim como atrevimento coreográfico, além de ampliação dos referenciais estéticos, propondo investigar diferentes fenômenos para, possivelmente, interpretá-los pela linguagem da ginástica (que na sua etimologia e referência histórica nos remeta à coragem, ao inusitado e ao insólito)” (ROBLE, 2003, p.38).

dos ao esporte, condições materiais, descaso político com a educação, classes numerosas, baixos salários e altas jornadas de trabalho, desqualificação da disciplina educação física, má formação dos professores), oferecendo, todavia, um espaço de fuga consistente, uma proposta de reabertura das possibilidades de apreensão das linguagens da cultura corporal, projetando, assim, a ginástica geral. Acredito que, além de escrever sobre as projeções e imagens da ginástica geral na sociedade contemporânea, mostrá-las fisicamente, elas mesmas, complementaria a qualidade do trabalho de forma significativa.

Pois bem, a educação física e sua parcela leitora ganham com esta publicação em uma época em que, segundo uma tendência geral, as pesquisas sobre a ginástica não passam de meras respostas mercadológicas, acríticas, à eleição de corpos despersonalizados, biônicos e ditos “belos”. Somente com obras humanas como esta, que levam em conta a diversidade das características de seus partícipes, não como problemas bioestéticos a serem curados e equalizados, mas como fonte da própria criação artística - lugar a ser visitado e mostrado -, a ginástica consegue resistir e alcançar não somente os “adequados” deste tempo. Parece-me a forma mais digna de aproximar dos nossos alunos a capacidade de expressão que lhes é mais característica e que, no entanto, mais deles se tem distanciado habitual e irrefletidamente.

### Referências bibliográficas

ROBLE, Odilon José. A ginástica geral nos limites do instituído. In: SOUZA, E. P.; AYOUB, E.; TOLEDO, E. *Anais do II Fórum Internacional de Ginástica Geral*. Campinas: Unicamp, Sesc, 2003.